

# A CIRCULAÇÃO DOS SABERES AMERICANOS E EUROPEUS: UM ESTUDO SOBRE A “BOTICA DA NATUREZA”

Patrícia Albano MAIA

O presente artigo tratará de um ensaio, “Botica da Natureza”, que faz parte do livro *Caminhos e Fronteiras*.<sup>1</sup> Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1957 reunindo artigos que já haviam saído em revistas científicas, tanto estrangeiras quanto nacionais, e em outras obras do autor. Todos os artigos presentes nesse livro sofreram algum tipo de modificação com relação à primeira versão dos mesmos. Tratam da história paulista do período colonial a partir de aspectos da vida material.

*Caminhos e Fronteiras* conta a história dos paulistas na época colonial, ou seja, a história de mamelucos que viviam entre, ou melhor que viviam as duas culturas, onde as tradições européias e indígenas se aglutinavam, produzindo utensílios, costumes, técnicas e atitudes, que propiciavam a sobrevivência no sertão paulista. Através do estudo comparativo entre as culturas e a síntese que estas produziram Sérgio Buarque tenta desvendar as soluções que surgiram. Segundo Laura de Mello e Souza “não se trata de constatar difusão de traços, mas de perceber que a forma assumida por tais traços foi definida pela situação histórica”.<sup>2</sup>

Sérgio Buarque, nesta mesma obra, começando do miúdo, do que parece insignificante, selecionando indícios na documentação, mostra como, através da cultura material e da observação de práticas cotidianas,

---

<sup>(1)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. *Botica da Natureza*. *Caminhos e Fronteiras*, p. 74-89.

<sup>(2)</sup> Laura de Mello e Souza. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*, p. 25.

os habitantes de capitania de São Paulo estavam se observando uns aos outros para conseguirem melhor viver nestas terras.<sup>3</sup>

Como Sérgio Buarque de Holanda construiu sua interpretação da história paulista utilizando um tipo de documentação que não era comum na época, há uma tendência, na historiografia brasileira contemporânea, a afirmar que ele fez história das mentalidades *avant la lettre*. Analisando-se as palavras de Sérgio Buarque de Holanda pode-se notar que ele afirma o contrário do que escreviam os historiadores franceses das mentalidades:

*“Ora assim como as idéias se movem no espaço, há de acontecer que também viajem no tempo, e porventura mais depressa do que os suportes, passando a reagir sobre condições diferentes que venham a encontrar ao longo do caminho”.*<sup>4</sup>

Como afirmam Laura de Mello e Souza e Ronaldo Vainfas, as mentalidades, para os franceses se moviam devagar, cativas da longa duração, numa história da lentidão na história. Para Sérgio Buarque, as idéias - e não as mentalidades, vale lembrar - podiam se locomover bem depressa no tempo, mais rápidas, quem sabe, que os suportes materiais.<sup>5</sup> Estes dois autores preferem dizer que Sérgio Buarque fazia história cultural ao invés de mentalidades.<sup>6</sup>

De qualquer maneira a historiografia brasileira, seja ela social, cultural ou do cotidiano, necessitava de novo aparato teórico para as suas interpretações que não se deixavam perceber através dos enfoques tradicionais, por isso são devedoras aos trabalhos pioneiros de Sérgio Buarque. Este autor tinha como sua preocupação ao escrever a história a mesma que tem a nossa moderna historiografia ou seja:

*“Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao*

(3) Para essa discussão sobre o saber indiciário ver: Ilana Blaj. Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil, p. 47; Laura de Mello e Souza. op. cit. p. 25 e Carlo Guinzburg. Mitos, emblemas e sinais.

(4) Sérgio Buarque de Holanda. Visão do Paraíso, p. XVIII

(5) Para uma maior discussão sobre esse assunto ver Laura de Mello e Souza. op. cit. p. 24-33 e Ronaldo Vainfas. Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil, p. 56-57.

(6) Laura de Mello e Souza. op. cit. p.17-38 e Ronaldo Vainfas. Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia, p.127 - 162.

*pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história”.*<sup>7</sup>

Segundo Ilana Blaj,<sup>8</sup> a análise de Sérgio Buarque parte das necessidades de sobrevivência impostas pela natureza, interpreta a constituição de hábitos alimentares favorecidos pelos costumes indígenas chegando à cultura material em que a influência européia age, quase que somente, no beneficiamento do produto, é o caso do uso do monjolo.

A cultura indígena, que vai desde a simples forma de caminhar e de identificar nascentes de água até a formação de toda uma farmacopéia inspirada no maravilhoso e de métodos para a caça e a pesca, é passada para os mamelucos que assim, além de herdarem, ainda acrescentam tradições européias. Se para curar picada de cobra a sucção da ferida e a aplicação de mezinhas retiradas da fauna e da flora traduzem costumes indígenas, o uso da aguardente de cana e as sangrias são as contribuições do colonizador português.

No ensaio “Botica da Natureza” as práticas de cura que usavam os dentes de jacarés, as unhas do tamanduá, as pedras tiradas do bucho das antas, banha de quati, mostram uma “estranha farmacopéia (que) explica-se, em muitos casos, pelo gosto do maravilhoso, que perseguia os doutores quinhentistas: herança da ciência medieval, a que o descobridor de novas terras viera dar maior relevo”.<sup>9</sup>

Na farmacopéia paulista colonial usava-se tanto os produtos de origem animal quanto os de origem vegetal e foi muito provavelmente observando o indígena que o colonizador ou melhor o paulista assimilou as práticas curativas necessárias para a sua sobrevivência, Martius diz que: “o mérito no descobrimento e na utilização das plantas curativas,

<sup>(7)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. Introdução às memórias de Thomas Davatz. IN: Thomas Davatz. Memórias de um colono no Brasil. São Paulo: Martins fontes, 1941.

<sup>(8)</sup> Ilana Blaj. op. cit. p. 29 - 48.

<sup>(9)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. Caminhos e Fronteiras, p. 81

coube em maior grau aos paulistas, tanto quanto o descobrimento das minas de ouro”.<sup>10</sup>

Paulistas e antes destes os jesuítas foram os primeiros a selecionar as práticas curativas utilizadas pelos índios que lhes parecessem “melhor, mais conforme à ciência e à superstição do tempo”.<sup>11</sup> Os padres da Companhia de Jesus organizaram uma coleção de receitas brasileiras baseados na observação do gentio e no experimento dos remédios que estes utilizavam, isso porque se achavam sem quantidade suficiente dos remédios tradicionalmente usados na Europa e também por não poderem contar com os serviços dos físicos, barbeiros sangradores e donas curandeiras, em todas as partes da colônia. Como estavam diante de doenças que não havia na metrópole precisavam buscar a cura aqui mesmo, necessitavam aprender a usar o que o reino vegetal e o animal a fauna lhes forneciam.

Foi justamente o pragmatismo dos jesuítas, percebido por Sérgio Buarque de Holanda, ao aproveitarem a flora medicinal utilizada pelos índios, que os tornaram os melhores físicos e boticários da colônia. Tal necessidade se fazia premente, embora os colonizadores geralmente aqui aportassem com seus instrumentos de sangrar, lancetar, serrar e costurar, além de medicamentos europeus e asiáticos, em suas boticas portáteis. Tais drogas eram logo consumidas ou se deterioravam. Sem tempo ou recurso para novo suprimento.

Os jesuítas empregaram a atividade de agentes de saúde como uma estratégia de aproximação e convencimento em relação aos nativos. Os índios estavam acostumados a ligar o poder de cura ao poder sobrenatural do pajé, e isso levou os inicianos à pesquisa sobre o poder curativo das plantas. Estas se deram muito devagar uma vez que os possuidores do conhecimento sobre o poder curativo das plantas, os pajés, eram vistos com desconfiança. Pois possuíam um conhecimento que o europeu não dominava e tinha medo uma vez que o relacionava com rituais satânicos. Contudo, no que se refere a práticas de cura, não houve nos primeiros séculos de colonização da América Portuguesa, nada que se igualasse ao trabalho dos jesuítas, já que estes incorporaram os saberes

<sup>(10)</sup> Apud. Idem. *Ibidem*, p. 77.

<sup>(11)</sup> Sérgio Buarque de Holanda. *Idem*. p. 76.

das indígenas, seja como estratégia de sobrevivência seja como uma forma de controlar os índios que estavam em processo de catequização.

Assim como o europeu e seus descendentes passaram a utilizar “remédios de índios”, estes também começaram a usar produtos importados como por exemplo a aguardente de cana que misturada a determinadas ervas servia para potencializar o poder curativo. A essa troca de costumes ou conhecimentos dá-se o nome de circulação de saberes, pois as duas culturas fornecem elementos que modificam as práticas cotidianas de cada uma. Após esse contato nenhuma das duas culturas voltará a ser o que era antes. A partir dessa modificação, cada uma trabalha, à sua maneira, o que foi assimilado e devolve essa reelaboração para o convívio, que novamente em contato com a cultura que forneceu o elemento modificador a modifica e esse processo continua *ad infinitum*.

É a essa circulação que Sérgio Buarque de Holanda se refere quando afirma que, existiam práticas curativas que dificilmente se conseguiria filia-las, seja à tradição europeia seja à tradição indígena. Estas seriam uma união das diversas culturas que aqui havia. “A soma de elementos tão díspares gerou muitas vezes produtos imprevistos e que em vão procuraríamos na cultura do invasor ou na dos vários grupos indígenas”.<sup>12</sup> Gerou produtos imprevistos porque estes não são apenas a soma dos elementos das duas culturas, mas sim a assimilação de elementos díspares modificados pelas próprias culturas.

Deve ter ocorrido na América Portuguesa uma procura por medicamentos que fossem análogos aos que existiam na Europa. Essa busca terá ajudado na eleição de remédios, amuletos e medicamentos bezoárticos, por exemplo: “Não falta (...) um rival da célebre “pedra de porco-espinho”, que era geralmente considerada o mais eficaz dos bezoares do Oriente e indicada nos casos de vômitos, fraqueza de estômago, (...). No Brasil essa preciosidade era fornecida pelos porcos-do mato”.<sup>13</sup>

“Botica da Natureza” mostra a incorporação, por parte dos colonizadores, de práticas curativas inusitadas e exóticas, fazendo perceber que, mesmo subordinada à premência da doença, a incorporação se fazia quase sempre por meio de critérios ora seletivos, ora analógicos. Estes

---

<sup>(12)</sup> Idem. *ibidem*, p. 78.

<sup>(13)</sup> Idem. *ibidem*, p. 79.

podem ser percebidos na crença na virtude de certas pedras que havia nas entranhas dos animais, identificadas pelos colonizadores à lendária pedra bezoar. Para Laura de Mello<sup>14</sup> e Souza, “Botica da Natureza” antecipa algumas questões que foram analisadas em *Visão do Paraíso*, onde o “gosto do maravilhoso” teria importância central.

Em “Botica da Natureza” nota-se que: “os processos de racionalização e assimilação a que o europeu sujeitou muitos elementos, dando-lhes novos significados e novo encadeamento lógico, mais em harmonia com seus sentimentos e seus padrões de condutas tradicionais”.<sup>15</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLAJ, Ilana. Sérgio Buarque de Holanda: historiador da cultura material. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 29 - 48.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Mitos, emblemas, sinais - morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Botica da Natureza. Caminhos e Fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 74 - 89.
- \_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso - os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 17 - 38.
- VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. p. 49 - 57.
- \_\_\_\_\_. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História - ensaios da teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127 - 162.

(14) Laura de Mello e Souza. op. cit. p. 25-29.

(15) Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*, p. 79-80.